


Lexicografia: uma ciência interdisciplinar

Lexicography: an interdisciplinary science

Renato Rodrigues-Pereira* 

Claudia Zavaglia** 

Introdução

[...] There is nothing more practical than a good theory [...] because a good theory can predict and explain what the case in practice is. Moreover, it suggests what aspects of a given domain have to be researched and how research results have to be interpreted (Bogaards, 2010)¹.

A epígrafe que nos valem para iniciar este texto nos remete à premissa de que *toda prática precede uma teoria* ou a de que *toda teoria precede uma prática*. Se teoria ou prática precede primeiro vai depender, lógico, do ponto de partida do sujeito actante e os procedimentos adotados para a realização de determinadas tarefas, sejam elas no âmbito das pesquisas teóricas ou aplicadas. No domínio da Lexicografia, por exemplo, tanto encontramos repertórios lexicográficos que objetivamente foram elaborados com base em princípios teóricos e metodológicos da área, como nos deparamos com produtos sem nenhum princípio científico aparente.

* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. renato.r.pereira@ufms.br

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP/S.J. Rio Preto. claudia.zavaglia@unesp.br

¹ [...] Não há nada mais prático do que uma boa teoria [...] porque uma boa teoria pode prever e explicar qual é o caso na prática. Além disso, sugere quais os aspectos de um determinado domínio devem *ou podem* ser investigados e como os resultados da investigação devem *ou podem* ser interpretados (Bogaards, 2010, acréscimos em destaque e tradução nossos).

Com efeito, o que se verifica com os estudos metalexigráficos que têm sido realizados a partir dos princípios do método científico e dos princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia, são resultados e produtos em conformidade com as necessidades do público para o qual a pesquisa ou o produto foi desenvolvido, justamente porque houve um direcionamento sobre o que e como fazer, bem como quais princípios teóricos adotar.

No entanto, é comum lermos ou escutarmos posicionamentos diversos sobre o caráter científico da Lexicografia. Uns são do entendimento de que a Lexicografia é uma técnica de fazer dicionários, outros a compreendem como uma parte prática da Lexicologia, e há aqueles que a definem como ciência com princípios teóricos e metodológicos bem delimitados na atualidade. Com base nesse último entendimento, tem-se uma área que se ocupa de estudos relacionados aos diferentes tipos de dicionários em suas distintas funções dentro de uma comunidade linguística.

Nesse contexto, o pesquisador lexicógrafo, com vistas a garantir aos potenciais consulentes repertórios lexicográficos organizados de acordo com as necessidades e contextos de consulta, para a elaboração de cada obra lexicográfica, costuma recorrer a distintas áreas de conhecimento para poder desenvolver um trabalho coerente, funcional e pragmático. Nesse contexto interdisciplinar, as pesquisas, por exemplo, ora se voltam à proposição de parâmetros organizacionais das estruturas lexicográficas, ora se dedicam à elaboração de um determinado dicionário, sempre - ou quase- partindo de importantes estudos metalexigráficos.

Com este texto, discorreremos sobre a Lexicografia enquanto ciência de natureza interdisciplinar, como forma de evidenciar sua importância e funcionalidade dentro de uma sociedade organizada linguisticamente. Para tanto, em primeiro momento, explicamos o conceito de ciência em consonância com princípios do método científico, assim como situamos a Lexicografia como uma ciência com princípios teóricos e metodológicos bem delimitados; em segundo, apresentamos os trabalhos que compõem este volume temático da Revista GTLEX, que teve como objetivo acolher

artigos cuja temática fosse a Lexicografia e/ou suas interfaces com outras epistemologias científicas.

Conceitualização de ciência

O termo “ciência”, dentre as acepções existentes nos diversos dicionários que temos à disposição, costuma ser utilizado para se referir, por exemplo, “[...] ao corpo de conhecimentos sistematizados que, adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, são formulados metódica e racionalmente [...]” (Houaiss, 2009, p. 463); ou ainda à “[...] Atividade humana baseada em conceitos e princípios desenvolvidos racionalmente e na utilização de um método definido, por meio do qual se produzem, se atestam e se comprovam conhecimentos considerados objetivos e de validade geral [...]” (Aulete, 2011, p. 330). Conceptualizações semelhantes são registradas também em Biderman (1998), Borba (2011), RAE/DLE (2023) e Cambridge (2023).

Entre estudiosos da área do método científico, a exemplo de Severino ([1941] 2016), Köche ([1997] 2015), Creswell (2010), Costa e Costa (2015), Pádua (2016), estabeleceu-se o entendimento de que a ciência acontece quando o pesquisador aborda fenômenos aplicando recursos técnicos e seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos.

Em contextos acadêmicos, quando um pesquisador se envereda por áreas de conhecimento de determinado domínio, utilizando-se de um método científico, é comum que ele parta da observação de determinados fatos ou práticas em um determinado contexto primeiro, formule hipóteses ou elabore questões norteadoras para, então, proceder às verificações e experimentações investigativas. Feito isso, a partir dos resultados alcançados, tem-se uma lei científica, que nada mais é do que uma “fórmula geral que sintetiza um conjunto de fatos (conhecimentos), expressando uma relação funcional constante entre variáveis” (Severino, ([1941] 2016, p. 109). Diante da identificação dessa primeira lei científica, passa-se então a formular

hipóteses mais gerais e a verificar se elas se confirmam em diversos outros contextos, de forma que se houver a confirmação de tais hipóteses, as teorias do domínio em questão se estabelecem e passam então a alicerçar teoricamente os fatos ou práticas observadas a priori.

No domínio da Lexicografia, há ciência quando as pesquisas partem da observação primeira de algum fato lexicográfico, para, então, dar sequência ao estudo de acordo com o método científico explicado brevemente no parágrafo anterior e segundo princípios teóricos e metodológicos da área. Nesses contextos investigativos, com efeito, deparamo-nos com a verificação sistemática de aspectos relacionados às diferentes informações que são ou podem ser registradas em todas as partes que conformam a hiperestrutura de um dicionário.

Nessa perspectiva, com vistas a garantir aos potenciais consulentes repertórios lexicográficos organizados de acordo com as necessidades e contextos de consulta, para a elaboração de cada obra lexicográfica, o pesquisador pode recorrer a distintas áreas de conhecimento com o fito de desenvolver um trabalho coerente, funcional e pragmático, conferindo à Lexicografia o caráter interdisciplinar que lhe é inerente.

Lexicografia enquanto ciência: algumas contribuições

Considerando a ampla bibliografia lexicográfica existente e a impossibilidade de apresentar todos os trabalhos que contribuem para o entendimento da Lexicografia como ciência, para esta seção, fizemos um apanhado das contribuições de alguns pesquisadores que têm desempenhado importantes papéis no cenário das investigações lexicográficas para que essa área adquirisse o *status* que possui na contemporaneidade.

Durante muito tempo, a Lexicografia foi entendida como a arte e a técnica de elaborar dicionários e a Lexicologia como a sua contraparte científica (Casares, 1969, p. 10-11). Nesse cenário, a delimitação dessas áreas permitiu a compreensão de que a

Lexicologia possuía uma perspectiva teórica no que concerne ao estudo do léxico, enquanto a Lexicografia se firmava como a parte prática e aplicada.

No entanto, tal concepção foi muito questionada por pesquisadores que entendem a Lexicografia como disciplina científica e a definem não somente por seu labor prático -confecção de dicionários- como também por seu componente teórico específico. Em decorrência dos avanços nos estudos lexicográficos, atualmente entendemos a Lexicografia como uma ciência com objetos de estudo -dicionários, vocabulários, glossários- e procedimentos metodológicos bem definidos. Sobre esse assunto, podemos recorrer, dentre outros, aos estudos realizados por Fernández-Sevilla (1974), Werner (1982), Biderman (1984a; 1984b; 2001), Hernández (1989), Lara (1990; 1997; 2004), Azorín-Fernandez (2003), Krieger (2006; 2010; 2020) e Wiegand (1984).

Na década de 70 do século XX, Fernández-Sevilla (1974), por exemplo, já anunciava uma corrente teórica autônoma para a Lexicografia e independente da Lexicologia, abrangendo estudos teóricos de diferentes ordens, talvez influenciado pelas obras de Josette Rey-Debove, de Alain Rey e de Bernard Quemada² que, de acordo com Lara (2004, p. 135), impulsionaram na década de 1970 reflexões acerca da Lexicografia. Nessa época, o dicionário começou a receber “uma atenção que fosse além do método e o submetesse a um questionamento linguístico”.

Na década seguinte, Werner (1982) apresenta-nos uma proposta de delimitação de duas vertentes no âmbito da Lexicografia: i) Lexicografia; ii) Teoria da Lexicografia. A primeira seria utilizada para todo o domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos. A segunda, por sua vez, seria para designar a

² Segundo Lara (2004, p. 134), são respectivamente as seguintes obras: *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*; bem como os vários artigos de Rey em *Cahiers de lexicologie* e em *Lexicographica*, e *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863*, Didier, Paris, 1968.

metodologia científica da Lexicografia. Werner (1982), nesse contexto, ressalta ainda que:

Muitas disciplinas científicas têm desenvolvido uma metodologia científica própria; o mesmo ocorreu também com a lexicografia. O que se dedica a tarefas lexicográficas de certa envergadura (sobretudo à elaboração de dicionários) necessita amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e os supostos metódicos desta atividade. Nesses supostos metódicos repercutem, por um lado, os conhecimentos de todos os ramos da linguística, e por outro lado, as condições e exigências de trabalho práticas, tecnológicas e socioeconômicas³ (Werner, 1982, p. 93, tradução nossa).

Wiegand (1984, p. 13-30), por seu turno, considerado um dos artífices da estruturação da Metalexigrafia como campo de investigação, propõe quatro grandes áreas que abarcam as atividades metalexigráficas, quais sejam: i) a história da Lexicografia; ii) a teoria geral da Lexicografia; iii) a crítica dos dicionários; e iv) a investigação sobre seu uso.

Dessas áreas, a teoria geral da Lexicografia constitui o núcleo fundamental que inclui quatro seções interrelacionadas, porém, com certo grau de autonomia: i) geral: que se ocuparia das relações da Lexicografia com o entorno social, com outras disciplinas e a história da Lexicografia; ii) organização do trabalho lexicográfico; iii) investigação lexicográfica sobre a linguagem; e iv) descrição lexicográfica da linguagem.

Percebe-se que a organização estrutural que Wiegand apresenta é respaldada por diversos trabalhos que têm sido realizados em diferentes universidades no mundo. Nesse contexto, distintas obras lexicográficas têm surgido com fins também

³ “Muchas disciplinas científicas han desarrollado una metodología científica propia; lo mismo ocurrió también con la lexicografía. El que se dedica a tareas lexicográficas de cierta envergadura (sobre todo a la elaboración de diccionarios) necesita amplios conocimientos teóricos sobre las posibilidades y los supuestos metódicos de esta actividad. En estos supuestos metódicos repercuten, por un lado, los conocimientos de todas las ramas de la lingüística, y por otro lado, las condiciones y exigencias de trabajo prácticas, tecnológicas y socioeconómicas” (Werner, 1982, p. 93).

diversos, ou seja, variados dicionários têm sido produzidos com base em necessidades sociais em seus diferentes âmbitos. Dessa união de possibilidades investigativas e consequente estabelecimento da Metalexigrafia, tem-se uma ciência que estuda, por um lado, as relações entre os dicionários e os potenciais consulentes e, por outro, a crítica, a elaboração e o uso de dicionários em diferentes contextos que vão desde ambientes escolares a contextos de trabalhos especializados das diferentes áreas técnicas e científicas. Trata-se, pois, de uma ciência de caráter interdisciplinar, assunto sobre o qual discorreremos na próxima seção deste texto.

Hernández (1989, p. 8), no final dos anos 80 do século XX e no âmbito da Lexicografia Pedagógica, apresenta uma definição de Lexicografia que abrange as duas vertentes - a teórica e a prática – considerando-a mais como um domínio da Linguística Aplicada. Assim, o autor propõe que a Lexicografia seja “a disciplina da linguística aplicada que se encarrega dos problemas teóricos e práticos que apresenta a elaboração de dicionários⁴ [3]” (Hernández, 1989, p. 8, tradução nossa).

Azorín Fernández (2003, p. 38), em seu tempo e de forma mais ampla, também define-a como uma disciplina da Linguística Aplicada que se ocupa da atividade prática de coleta e seleção de material léxico e a redação de repertórios lexicográficos, fundamentalmente dicionários, e também da teoria geral que orienta o trabalho prático e “todo um imenso caudal de investigação que tem como objeto o dicionário⁵” (Azorín Fernández, 2003, p. 38, tradução nossa). A autora ressalta ainda que, em decorrência do caráter disciplinar da Lexicografia, é possível apresentar com clareza suas características inerentes à Linguística Aplicada, quais sejam:

1. Assim, em primeiro lugar, a lexicografia surge e se desenvolve como uma parcela do conhecimento a uma finalidade prática: a confecção de repertórios léxicos.

⁴ “la disciplina de la lingüística aplicada que se encargue de los problemas teóricos y prácticos que plantea la elaboración de diccionarios” (HERNÁNDEZ, 1989, p. 8).

⁵ “todo un inmenso caudal de investigación que tienen por objeto al diccionario” (Azorín Fernández, 2003, p. 38).

2. Em segundo lugar, a lexicografia pode considerar-se como um âmbito interdisciplinar toda vez que para levar a cabo seu objetivo necessita de contribuições de outras especialidades linguísticas e não linguísticas.

3. Em terceiro lugar, nas últimas décadas do século XX, a lexicografia tem desenvolvido um *corpus* de conhecimentos teóricos, fruto da recepção dos avanços da teoria linguística e de seus próprios planejamentos de acordo com seu objeto de estudo⁶ (Azorín Fernández, 2003, p. 38, tradução nossa).

Ressalta-se, a partir de Azorín Fernández (2003), que as intenções investigativas do lexicógrafo motivam a busca por aportes teóricos e metodológicos de outras ciências, como forma de garantir resultados mais satisfatórios. Ou seja, a depender dos objetivos de um estudo em Lexicografia, o pesquisador precisa recorrer a outras epistemologias, com vistas a fomentar discussões e reflexões de caráter elucidativas, descritivas, analíticas e proposicionais para que possibilite obras condizentes com as necessidades dos diferentes consulentes e contextos.

Observa-se que, sob uma perspectiva metalexigráfica, que o dicionário -um livro em que se registra parte do léxico de uma língua em suas diferentes nuances estruturais, funcionais e pragmáticas- torna-se objeto de estudo da Lexicografia à medida que o pesquisador o tem como objeto de análise para, então, estabelecer parâmetros que atendam às necessidades contextuais dos potenciais consulentes em seus diversos contextos.

⁶ 1. Así, en primer lugar, la lexicografía surge y se desarrolla como una parcela del conocimiento a una finalidad práctica: la confección de repertorios léxicos. 2. En segundo lugar, la lexicografía puede considerarse como un ámbito interdisciplinario toda vez que para llevar a cabo su objetivo necesita el concurso de otras especialidades lingüísticas y no lingüísticas. 3. En tercer lugar, en las últimas décadas del siglo XX, la lexicografía ha desarrollado un *corpus* de conocimientos teóricos, fruto de la recepción de los avances de la teoría lingüística y de sus propios planteamientos a propósito de su objeto de estudio (Azorín Fernández, 2003, p. 38).

Destacamos ainda que é justamente por esse caráter multidisciplinar que a Lexicografia, embora possua princípios teóricos e metodológicos⁷ bem delimitados em relação ao processo de elaboração de dicionários, estabelece-se como ciência, ao passo que possibilita a busca de conhecimentos oriundos de outras ciências, garantindo o que poderíamos chamar de intertextualidade científica, uma forma de garantir pesquisas lexicográficas coerentes com os objetivos estabelecidos pelo pesquisador.

Depreende-se, pelo exposto, que as investigações no âmbito da Lexicografia costumam ter o dicionário, objeto de estudo, como ponto de partida e de chegada do lexicógrafo, em suas diferentes possibilidades de estudo. Ademais, como representante de aspectos linguísticos e sociais de uma comunidade, uma obra lexicográfica possui dados que permitem ao pesquisador realizar diferentes análises em conformidade com suas inquietações práticas e teóricas. Tanto que o dicionário, para Lara (1997), é um objeto digno de atenção linguística, posto que se trata de um objeto verbal e de natureza tanto semântica como semiótica, o que justifica seu estudo, também, por parte da Linguística, em suas diferentes vertentes.

Outrossim, o dicionário possui uma função social ao materializar grande parte da memória social da língua, recordações de experiências significativas com as quais a comunidade linguística constrói sua identidade histórica em sua pluralidade. A base desta memória se encontra nas unidades léxicas da língua, cuja função significativa é a de segmentar, ordenar e classificar as experiências de mundo. Em outras palavras, “o dicionário é um texto que fala da língua e da cultura, funcionando como um componente de expressão cultural e ideológica, tecido sob a aparência de catálogo de palavras” (Krieger, 2010, p. 136).

Desse modo, o dicionário proporciona ao potencial consulente informações que ajudam na organização linguística da sociedade e na projeção da cultura de um

⁷ Sobre objeto, princípios teóricos e procedimentos metodológicos na Lexicografia citamos, para além dos já mencionados nesta seção, Bosque (1982), Haensch; Wolf; Ettinger; Werner (1982), Lara (1997), Borba (2003), Seco (2003). Molina García (2006), Porto Dapena (2002, 2014), entre outros.

determinado povo. De uma obra lexicográfica, deriva-se a validade de muitos atos verbais, a identidade social, a criatividade semiótica controlada socialmente, uma vez que é na sociedade que os valores semânticos de uma lexia se tornam válidos em termos de representação de uma realidade concreta ou abstrata. Isso porque “o dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua quanto à cultura. [...] É constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um termo da cultura” (Biderman, 1984b, p. 28).

Em outras palavras, com o dicionário, perpetuamos “o ontem e o hoje para que no amanhã tenhamos as memórias e sabedorias eternizadas por meio das palavras, em dicionários” (Rodrigues-Pereira; Costa, 2020, p. 7). Mas para isso, numa ação teórico-prática de *lexicografar*, o pesquisador lexicógrafo precisa “[...] 1 Estudar repertórios lexicográficos numa perspectiva metalexográfica. 2 Organizar *corpus*, analisar, descrever, selecionar, lematizar, ordenar, definir e registrar unidades léxicas de uma ou mais línguas em dicionários [...]”, sempre considerando, para tanto, as epistemologias inerentes não só da Lexicografia como de outras áreas que por vezes são visitadas.

Frente ao exposto, ressaltamos a importância de um *continuum* investigativo no domínio da Lexicografia, com vistas a proposição de parâmetros lexicográficos e consequente elaboração e/ou reorganização de dicionários, sempre em conformidade com as necessidades circundantes dos potenciais consulentes, o que requer a consideração de um método científico.

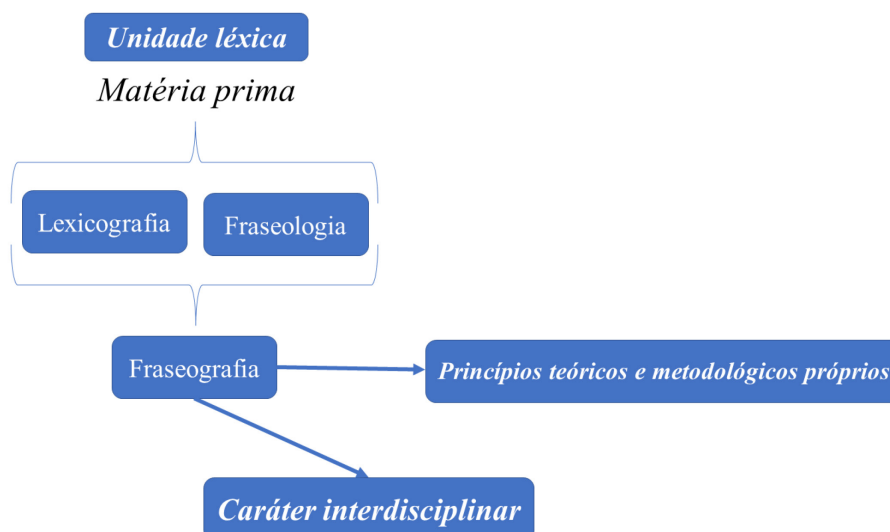
O caráter interdisciplinar da Lexicografia

A Lexicografia, como pertencente à grande área da Linguística, integra às Ciências do Léxico –Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Fraseologia, Onomástica, entre outras–, como costumamos denominar aqui no Brasil, e possui um caráter interdisciplinar à medida que o lexicógrafo, durante todo o processo de estudo e elaboração de uma obra lexicográfica, visita diferentes domínios de conhecimento para

atender aos objetivos da pesquisa. Essa interdisciplinaridade acontece, por um lado, entre as próprias Ciências do Léxico; e por outro, entre a Lexicografia e várias outras subáreas da Linguística e outros domínios das ciências humanas.

Rodrigues-Pereira (2021), ao discorrer sobre a unidade léxica enquanto matéria prima das Ciências do Léxico e o caráter interdisciplinar que elas possuem, explica que da união de princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia e da Fraseologia, por exemplo, como ilustramos com a Figura 1, temos a Fraseografia, área esta que se ocupa do tratamento lexicográfico das unidades fraseológicas em geral, como podemos verificar em Carneado Moré (1985), Tristán Pérez (1998), Olímpio de Oliveira Silva (2007), Castillo Carballo (2017), Xatara (2012), Penadés Martínez (2015).

Figura 1 – Representação da interdisciplinaridade *entre* a Lexicografia e a Fraseologia.



Fonte: Rodrigues-Pereira (2021).

Além da interdisciplinaridade entre as Ciências do Léxico, esse caráter resulta ainda do fato de que o lexicógrafo, no processo de análise, descrição e registro do léxico em repertórios lexicográficos, busca conhecimentos em áreas diversas da grande área da Linguística, como Semântica, Morfologia, Sintaxe, Fonética e Fonologia, entre outras, sempre com o objetivo de desvendar os vários fatos de língua existentes e emergentes, desde os mais “brutos”, que figurativamente nos referimos aqui ao que

alguns estudiosos, em especial os funcionalistas, chamam de *núcleo duro da linguística*, aos fatos mais sensíveis que perpassam por caminhos dos enquadres da Linguística Cognitiva, por exemplo.

Como se percebe, a Lexicografia e as múltiplas interfaces possíveis nos direcionam por caminhos investigativos diversos, como podemos visualizar também com as leituras dos artigos que compõem este volume temático da Revista GTLex, e que passamos a apresentá-los na próxima seção.

Lexicografia em foco: a modo de apresentação

Abrindo o volume, Thierry Delmond e Aparecida Negri Isquierdo, com o texto *Proposta de estrutura de verbete para um vocabulário da avifauna do pantanal sul-mato-grossense*, propõem um modelo de verbete para a elaboração de um vocabulário especializado impresso que abarque a cientificidade da descrição da avifauna (o conjunto das aves existentes numa região) e a estruturação de dados linguísticos à luz da Lexicografia e da Terminologia, com ênfase na Teoria da Terminologia Multilíngue concebida por Thoiron (1994). O objetivo é propiciar uma melhor comunicação entre ornitólogos, pessoas que se ocupam com estudo das aves, e habitantes das sub-regiões do Pantanal, uma ecorregião terrestre da América do Sul composta de prados e savanas que são inundadas durante parte do ano, além subsidiar a observação, a valorização e a conseqüente proteção das aves do Pantanal. A proposta de verbete é bastante abrangente, a partir do momento que traz a (i) palavra-entrada, no caso, **Pica-pau-amarelo**, seguida da (ii) categoria gramatical e do (iii) nome científico; continuamente, os próximos elementos constituintes são (iv) a etimologia das denominações, (v) a classificação da ave conforme a taxonomia do RBO (Registro Brasileiro de Ornitologia), (vi) as variantes, (vii) a definição, (viii) as informações enciclopédicas, (ix) a fotografia da ave (com o som do seu canto) e (x) a área de observação da ave.

Logo após, o texto *Colocações em dicionários escolares: algumas reflexões*, de Raquel Di Fabio, trata do argumento das colocações em quatro dicionários escolares do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2012), do Tipo 4: Aulete (2011), Bechara (2011), Borba (2011) e Houaiss (2011). A partir de uma perspectiva metalexigráfica, foram analisados os verbetes das seguintes entradas: “prestar”, “levar”, “consideração”, “torrencial”, “copiosamente”, “densamente” e “torrente” em todas essas obras, concernente ao registro das colocações, com o objetivo de traçar semelhanças e/ou diferenças em suas inserções microestruturais, além de classificá-las segundo Corpas Pastor (1996). Reflete-se também sobre a adequação desses dicionários para alunos do Ensino Médio, considerando seu nível de competência na língua.

No terceiro artigo, Melissa Baffi-Bonvino, em um estudo de caso, tem como escopo principal discutir a utilização da versão impressa do dicionário pedagógico *Primeiro Dicionário Escolar - Língua Portuguesa*, de Nelly Novaes Coelho, em atividades didáticas desenvolvidas por uma professora em uma classe de 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular, fazendo uso de um questionário como instrumento de geração de dados. Por meio dos excertos das respostas da professora, o texto se desenvolve e interage com a obra lexicográfica, que demonstra ser uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem de uma língua materna, neste caso, a portuguesa do Brasil. Os resultados da pesquisa permitem apontar que o dicionário analisado e utilizado em sala de aula torna-se eficaz para a recepção e produção de textos dos alunos. Sendo um dicionário escolar para crianças, o texto apresenta relevantes apontamentos e a imprescindível interação existente entre a Lexicografia Pedagógica e a Multimodalidade.

Nessa mesma esteira, Luís Henrique Serra e Maria Ednalva Lima e Silva, com o texto *O uso de dicionário infantil em sala de aula: relatos de uma sequência didática para o ensino fundamental – anos iniciais*, relatam a aplicação de uma sequência didática com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no Maranhão

com a finalidade de apresentar o gênero textual “dicionário” àqueles alunos e incentivar o uso de obras lexicográficas como recurso didático na alfabetização, além da aquisição e do enriquecimento do léxico de uma língua.

Por sua vez, Marcelo Sabino-Luiz, com o texto *Explorando a Definição Multimodal: um estudo sobre a integração de elementos multimodais em dicionários impressos e eletrônicos*, faz uma explanação dos principais tipos de ilustração que integram a microestrutura de dicionários impressos do TIPO 2, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de 2012, destacando o impacto da multimodalidade em contraste com os recursos disponíveis na e-Lexicografia. Com efeito, segundo o autor, com a evolução da tecnologia, novas modalidades de linguagem não-verbal, tais como fotografias, vídeos e áudios, transformam-se em recursos importantes na estruturação de um dicionário, com a finalidade de auxiliar os consulentes, além de atendê-los em suas demandas. De fato, a abordagem multimodal em dicionários, principalmente nos escolares e infantis, é útil para garantir a total compreensão dos significados que estão sendo neles veiculados. Conclui que dos dicionários analisados, os tipos mais utilizados de ilustrações lexicográficas são as fotografias e os desenhos, além de abundantes e sortidos. Ressalta-se que o autor apresenta uma pertinente e oportuna tipologia das ilustrações presentes nos dicionários escolares, além de explicá-las e exemplificá-las.

No texto *Metalexigrafia escolar: análise contrastiva de verbetes de dicionários escolares para Ensino Médio*, Laiza Rodrigues Oliveira e Ana Claudia Castiglioni realizam uma análise contrastiva da microestrutura dos verbetes “cidadão” e “cidadania” presentes em quatro dicionários escolares do Tipo 4, selecionados no último edital oficial do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD Dicionários (2012) e destinados ao Ensino Médio. As autoras deduzem que, pela amostra de verbetes analisada, evidencia-se a não completude da estrutura microestrutural para sanar as dúvidas dos consulentes e que existe a necessidade de se utilizar mais de um dicionário para que a compreensão se realize no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Já Fábio Henrique de Carvalho Bertonha faz uma proposta para as marcas de uso em dicionários escolares com o texto intitulado *Proposta de marcação dupla em dicionários escolares*, fruto da sua tese de doutorado defendida em 2022. Mais uma vez, a partir de obras escolares inseridas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mais precisamente na ramificação intitulada “PNLD 2012: Dicionários”, sua pesquisa concentra-se numa perspectiva analítico-reflexiva concernente às marcas de uso inseridas na microestrutura de verbetes de quatro grupos de dicionários voltados ao Ensino Fundamental e Médio. Com o intuito de contribuir para essa questão lexicográfica, o autor propõe um sistema de marcação dupla que procura oferecer informações para o uso adequado daquela palavra em determinados contextos ou até mesmo para que se possa compreender melhor onde ocorre o seu uso e de que modo. Salienta-se que a discussão sobre marcas de uso ainda é incipiente na Lexicografia e esforços como esse contribuem e muito para futuras melhorias referentes a inclusões de marcas de uso nos dicionários escolares.

O último artigo, mas não menos importante e necessário, intitulado *Estudo de lexicografia da macroestrutura e microestrutura dos dicionários de línguas de sinais de diferentes seis países como base*, escrito por Jaqueline Boldo e Marianne Rossi Stumpf, autoras surdas, discorre sobre a macro e a microestrutura dos seguintes dicionários em Língua de Sinais publicados em países diversos: *Gebärden-Lexikon Grundgebarden* (Maisch; Wiscr, 1990); *Dicionário Bilingue Elementare della Lingua Italiana dei Segni* (Radutzky, 1992); *American Sign Language Dictionary* (Sternberg, 1998); *Diccionario de la Lengua de Signos Española* (Pinedo Peydró, 2005); *Dicionário Prático de Língua Gestual Guineense* (Martins; Morgado, 2017) e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil* (Capovilla; Raphael, 2001), cujo intuito é analisar se os elementos composicionais nesses dois paradigmas são compatíveis com as características e necessidades de consulentes brasileiros surdos. Destaca-se que as pesquisas, debates e reflexões em Lexicografia e Metalexigrafia que envolvem língua de modalidade visual-espacial são escassas

ainda, visto que os dicionários de língua de sinais são materiais lexicográficos raros até este momento, embora perceba-se um crescente interesse por eles atualmente.

Considerações finais

Os textos que fazem parte deste volume tratam, de forma diferenciada e diversificada, a importância do dicionário em uma sociedade, seja para leigos ou especialistas que trabalham com aves até professores que o utilizam em sala de aula. As investigações metalexigráficas demonstram o quão relevantes são para o aprimoramento e a melhoria da elaboração de verbetes, como é o caso da inserção de colocações. É inquestionável o reconhecimento do dicionário para o ensino, mesmo que seu potencial seja sub-julgado, conforme aponta Krieger (2007). Entretanto, é evidente que, com o fim de o uso do dicionário tornar-se uma prática em sala de aula, professores deverão ter conhecimento de sua estruturação e de suas potencialidades didáticas, além de bases teóricas, mesmo que mínimas.

Em dicionários escolares e/ou infantis a Multimodalidade está presente e atual, com a finalidade de suprir possíveis deficiências ou lacunas do texto explanatório da definição. Observa-se, com entusiasmo e interesse, um olhar especial aos dicionários de língua de sinais, além de propostas de melhorias para futuras elaborações de microestruturas, como é o caso da proposta de marcação dupla para dicionários escolares.

Como é possível notar, os autores que abrilhantam esta edição temática basearam seus textos em teorias sólidas, tais como a Lexicografia, a Lexicografia Pedagógica, a Terminologia, entre outras.

Espera-se que o leitor possa se regozijar com a leitura, refletir e considerar os diversos argumentos aqui tratados e dar continuidade aos estudos das Ciências do Léxico para que seja possível alavancar essa área tão produtiva e fértil em nosso país.

Referências

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon 2011.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. La lexicografía como disciplina lingüística. *In*: GUERRA MEDINA, A. M. (coord.) **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário didático de português**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. de C. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 1-26, 1984a.

BIDERMAN, M. T. de Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 27-43, 1984b.

BOGAARDS, P. Lexicography: Science without Theory? *In*: SCHRYVER, G. M. **A way with words: recent advances in lexical theory and analysis – a festschrift for Patrick hanks**. Uganda: Menha Publisers (U) Ltd., 2010.

BORBA, F. S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. **Verba Anuário Galego de Filologia**. Vol.9, p.105-123, 1982.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT. **Cambridge Dictionary**. 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/science>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CARNEADO MORÉ, Z. Consideraciones sobre la fraseografía. *In*: CARNEADO MORÉ, Z.; TRISTÁ PÉREZ, A. M. **Estudios de fraseología**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

CASARES, J. **Introducción a la Lexicografía Moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Colección Textos Universitarios, n. 17, 1969.

CASTILLO CARBALLO, M. A. La producción fraseográfica en su historia: diccionarios de locuciones y refranes. **Estudios de lingüística del español**, v. 38, p. 85-106, 2017. Disponível em: <https://bop.unibe.ch/elies/article/view/8646>. Acesso em: 05 dez. 2023. DOI <https://doi.org/10.36950/elies.2017.38.8646>

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. M. **Problemas de lexicografía actual**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1974.

HAENSCH, G; WOLF, L; ETTINGER, S; WERNER, R. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Biblioteca Románica Española. Editorial Gredos, Madrid, 1982. p.11-20.

HERNÁNDEZ, H. **Los diccionarios de orientación escolar** – Contribución al estudio de la lexicografía española. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1989. DOI <https://doi.org/10.1515/9783111340562>

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à ciência**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, [1997] 2015.

KRIEGER, M. da G. Lexicografia: a dicionarização do léxico. In: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. S. **Estudos em Lexicografia: aspectos teóricos e práticos**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

KRIEGER, M. da G. Lexicologia e Lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 135-152.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia,**

lexicografia e terminologia, vol. III. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. p. 295-309.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Caleidoscópio**, São Leopoldo vol. 04, n. 03, p. 141-147, set/dez 2006.

LARA, L. F. El objeto diccionario. *In.*: **Dimensiones de la lexicografía**. A propósito del Diccionario del español actual de México. México: El Colegio de México, 1990. p. 21-38. DOI <https://doi.org/10.2307/j.ctv26d9mw.4>

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. *In.*: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume II. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004. p. 133-152.

LARA, L. F. **Teoría del diccionario monolingüe**. México: El Colegio de México, 1997.

MOLINA GARCÍA. **Fraseología Bilíngüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico**. Granada: Comares, 2006, p.9-35.

OLIMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. **Fraseografía teórica y práctica**. Frankfurt amMain: Peter Lang, 2007. DOI <https://doi.org/10.3726/978-3-653-01515-7>

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 18. ed. ver. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2016.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. **Para un diccionario de locuciones: de la lingüística teórica a la fraseografía práctica**. Alcalá: Universidad de Alcalá, 2015.

PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002.

PORTO DAPENA, J.-Á. **La definición lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2014.

RAE/DEL - REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed. Disponível em: <https://dle.rae.es/ciencia>. Acesso em: 01 dez. 2023.

RODRIGUES-PEREIRA, R. As ciências do léxico e o ensino do vocabulário: algumas reflexões. Léxico, Lexicografia e aprendizagem: interfaces. Mesa-redonda no evento **ABRALIN AO VIVO**. 20 de outubro de 2021. Disponível em:

<https://aovivo.abralin.org/lives/lexico-lexicografia-e-aprendizagem/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

RODRIGUES-PEREIRA, R. R.; COSTA, D. de S. S. **Estudos em Lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas: Pontes Editores, 2020.

SECO, M. **Estudios de lexicografía española**. Madrid, Paraninfo (Colección Filológica), 2003, p. 25-46.

SEVERINO, A. J. **Metodología do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, [1941] 2016.

TRISTÁ PERÉZ, A. M. La fraseología y la fraseografía. *In*: WOTJAK, G. **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana/Velvuert, 1998.

WERNER, R. Lexico y teoria general del lenguaje. *In*: HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía**. De la Linguística teórica a la Lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 20- 94.

WIEGAND, H. E. **On the structure and contents of a general theory of lexicography**. 1984. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783111593166-005/html>. Acesso em: 05 dez. 2023.

XATARA, C. M. A produção fraseoparemiográfica. *In*: ORTÍZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Vol. 1. Campinas: Pontes Editores, 2012.